

THOMAS VON AQUIN – DEUS, ESCLARECIDO LOGICAMENTE

(...)

E ainda algo foi descomunal: o professor de escola superior e pensador Thomas von Aquin não foi, em vida, respeitado pelo povo, mas era conhecido somente de poucos versados em latim. De outra forma como de outras vezes pedido de santos, não são desse sábio da Itália central transmitidos nenhuns milagres. Nem sequer uma morte de mártir pôde Thomas ter a oferecer. Johannes XXII achou, contudo, fundamentos para a canonização: Thomas executou tantos milagres como ele solucionou quaestiones [questões], decidiu o papa em Avignon.

“Quaestiones”, colocações de questões, foram algo assim como a moeda intelectual da alta idade média. E Thomas foi nesse sentido indescritivelmente rico. Como nenhum antes dele, sabia ele respostas às questões teológicas centrais de sua época: como se deixam compatibilizar as palavras da bíblia e as doutrinas dos clássicos da igreja com a lógica, com a pretensão de conhecimento racional dos pensadores antigos?

Dito mais concisamente: como se ajustam Augustinus e Aristoteles? Permaneceu a fé somente fé ou deixou-se ela cientificamente respaldar?

Thomas não foi o primeiro e não o único que se dedicou a essas questões. Porém, Thomas von Aquin foi o mais proeminente sob esses expertos, posteriormente mencionados escolásticos, que como entalhadores de pedra de catedral trabalharam na imagem do mundo científico-teológica da idade média.

Os teólogos especializados encontravam-se nas escolas catedrais recém nascidas. Eles liam textos bíblicos, história de santos, obras dos pais da igreja e os manuais dogmáticos. E eles leram também os filósofos gregos, que desde pouco tempo de novo acessíveis em latim, todos à frente Aristoteles.¹ Quem quisesse discutir junto, tinha de seguir regras rigorosas. “A escolástica arrancou o pensar da idade

¹ Nota do tradutor: “As regras do ganho de conhecimento fascinaram ele, segundo sua compreensão elas tem de ser deduzíveis abstraídas e independente dos verdadeiros objetos de investigação.” Fonte: Der Spiegel Geschichte 4/2017, S. 30. Comparar com verbete *investigação*, in site de Luís Afonso Heck, www.conhecerparareconhecer.com.br

média das travas da imagem do mundo mágico e simbólico”, escreve o historiador Johannes Fried.

Porém, essa forma nova do pensar continha também grandes perigos, sobretudo, para a posição da igreja e clero, pois podia a entrada da racionalidade na fé também desmontar esses.

(...)

Aliás, os tempos estão inquietos. As tempestades mongóis mostraram que o cristianismo é vulnerável. E as cruzadas puseram Europa em contato com a cultura muito alta islâmica – até então foram, sobretudo, sábios muçulmanos que tinham traduzido e comentado os pensadores gregos.

Em toda a Europa crescem em volta das grandes catedrais e praças do mercado cidades. Artesãos especializam-se, mestres de construção procuram por regras fundamentadas cientificamente para estática e arquitetura. E aos sábios eclesiásticos mostra-se sempre mais claramente que saber torna-se mais preciso quando não somente se proporciona transmissão ex cathedra [desde a cátedra (de Pedro)], mas admite discussões. Argumentos contam subitamente mais que mera autoridade.

(...)

Quem hoje fala de escolástica tem de passar por alto a conotação negativa que a palavra recebeu no tempo da reforma. Escolástica representa ainda hoje, muitas vezes, pedanteria e conteúdo insuficiente e obstinação para colocações de questões absurdas sem limites de monges alheios ao mundo.

Contudo, na alta idade média tratou-se de investigação básica teológica, de “fé que procura por conhecimento”. Os homens de deus sábios insuflaram na fé força racional nova, eles conferiram à teologia o carácter de uma ciência.

Sugestão espiritual para isso veio do mundo islâmico – por exemplo, de Abu al-Walid Mohammed Ibn Ruschd. O muçulmano da Andaluzia tinha comentado pormenorizadamente quase todas as obras de Aristoteles. As obras de Ibn Ruschd chegaram a Paris, Köhl e a outros centros intelectuais, onde elas desenvolveram efeito enorme. Desde então Aristoteles chamou-se, muitas vezes, simplesmente “o filósofo”, e Ibn Ruschd, melhor conhecido sob o nome Averroës, “o comentador”. Com

Aristoteles e sua explicação do mundo metafísico-lógica abriram-se as “eclusas do saber”, escreve Johannes Fried.

Completamente sobre o espiritualmente seco os teólogos, todavia, também antes do redescobrimento dos pensadores antigos, não trabalharam. “A razão tem de ser senhora e juíza sobre tudo que está na pessoa”, isso tinha já Anselm von Canterbury em fins do século 11. exigido.

(...)

Como pensador² ele trabalhou nisto, conciliar fé e ratio [razão]. A filosofia, disse ele, deve ser “criada da teologia”, portanto, por serviços leais fortalecer a fé.

(...)

Decisivo para a idade média foi quão aberto agora se abordava questões teológicas com meios racionais. Lógica e metafísica de Aristoteles contribuíram consideravelmente para isso.

(...)

“**Sic et non**” (“sim e não”) – esse título do livro tinha-se convertido já para Petrus Abaelardus, uma geração mais jovem que Anselm, em programa. O teólogo de Paris belicoso causou escândalo não somente por causa do caso de amor com sua aluna Heloisa à hierarquia da igreja conservadora. No “sim e não” ele alistou em 158 títulos contradições nos escritos dos antigos doutores da igreja e na bíblia – e indicou, simultaneamente, caminhos como eles devem ser eliminados com os meios da discussão racional. “Ao nós mesmo duvidarmos, chegamos nós à investigação e por meio dela nós compreendemos a verdade”, diz-se no prólogo para sic et non [sim e não].

O mais tardar, depois de Abaelard formou-se nas escolas catedrais e universidades um método firme de tratar problemas: em cima está a “quaestio”, a questão. Seguem as chamadas obiectiones, objeções. A primeira objeção inicia formalmente com a locução “videtur”, “parece”, então são alistados os argumentos para essa perspectiva. Agora, segue a “sed contra” – “mas, em contrapartida”, portanto, o que fala contra. Nas respostas definitivas todos os argumentos são

² Anselm, nota do tradutor.

ponderados reciprocamente, em parte, também refutados fundamentadamente. Os sábios estavam profundamente convencidos disto, que saber derivado segundo esse procedimento, por aplicação metodicamente limpa de lógica e dialética, garante uma medida máxima em precisão e segurança conceitual.

(...)

É Albert que coopera decisivamente na ruptura do pensar aristotélico. Em numerosos comentários, mas também com sua autoridade clara na hierarquia da igreja ele fomenta o pensador grego. Em 1255 os escritos de Aristoteles convertem-se em leituras obrigatórias dos estudantes na Sorbonne em Paris.

É, então, seu aluno, Thomas von Aquin, que funde teologicamente Aristoteles e a transmissão cristã – com repercussão espantosa: ainda em 1879 o papa Leo XIII declara o pensar de Thomas por encíclica filosofia oficial da igreja católica.

(...)

Na primeira parte trata-se – quaestio a quaestio, questão subordinada a questão subordinada – disto, como deus e sua criação são conhecidos por razão e fé. A segunda trata de mandamentos morais e éticos, que devem possibilitar às pessoas uma vida agradável a deus. A “pars tertia”[terceira parte] é, entre outras coisas, dedicada à igreja e a seus sacramentos.

A pessoa o doutor da igreja considera como uma essência, que na criação está estabelecida entre os anjos e animais. Ela é um ser racional, cuja alma também depois da morte continua a existir. Eticamente a pessoa tem de seguir a ordem divina e conforme a razão, ela pode exercitar-se em moderação e valentia. Ela deve acreditar em deus, ter esperança em deus e nutrir amor a deus.

Politicamente Thomas defende a monarquia como melhor forma de governo. O rei deve ser representante de deus no estado, mas aos sacerdotes em questões de fé, subordinado. Um estado, que separa religião e domínio laico, portanto, descansa sobre meios de poder puramente seculares, é para os teólogos universais como para quase todos os pensadores de seu tempo não ideável. E igualmente tipicamente do tempo recomenda o Aquinat, como também posteriormente se denominava ele, a pena de morte para hereges obstinados.

Em toda sugestão por Aristoteles é a obra de Thomas já em sua estrutura inspirada profundamente religiosamente. Cada elemento de seu pensar está “relacionado interiormente com deus e com a palavra de deus” escreve o biógrafo de

Thomas, Marie-Dominique Chenu; ela é enformada por uma “corrente de força de espiritualidade evangélica”.

(...)

Também em círculos de teólogos Thomas não foi apenas admirado; seu intelecto concentrado encontrou resistência de lados diferentes. Ali existiram eclesiásticos conservadores, como o eloquente Berhard von Clairvaux, que geralmente eram contra aproximar-se de coisas de fé com ferramenta racional. A pessoa é muito pequena para poder disputar ordem de deus. A aplicação de racionalidade laica irá, cedo ou tarde, desembocar em heresia.

Sábios como Roger Bacon criticaram, ao contrário, já no século 13., a escolástica é demasiada teórica e é propensa a isto, perder-se em mundos da ideia absurdos. Justamente nas ciências naturais progresso não pode ser obtido somente intelectualmente. Tem de se, ao contrário, incluir junto saber de experimentos, experiências e observações.

Ao lado disso, apresentar-se radicais, aos quais Thomas em sua aplicação de Aristoteles não foi longe o suficiente. Wilhelm von Ockham, por exemplo, um teólogo inglês, chegou no estudo de Aristoteles ao conhecimento que ciência da razão, portanto, filosofia, e revelação não exatamente são compatíveis. Existência de deus não pode ser comprovada, mas, no melhor dos casos, por conclusões analógicas, ser tornada plausível. Argumentos como esses levaram Ockham em oposição rigorosa à igreja oficial.

Fonte: Der Spiegel Geschichte 6/2017 (online), Artikel 78. Pontuação no original. Latim foi mantido, tradução em colchetes.